

TU, SURPRESA EM MINHA VIDA. NA ACOLHIDA, A AUDÁCIA DE UM ENCONTRO

NOTAS DO ENCONTRO DOS RESPONSÁVEIS DAS
FAMÍLIAS PARA A ACOLHIDA COM JULIÁN CARRÓN

13 DE NOVEMBRO DE 2020

Tu, surpresa em minha vida. Na acolhida, a audácia de um encontro

**Notas do Encontro dos Responsáveis das Famílias para a Acolhida
com Julián Carrón
Por videoconferência, 13 de novembro de 2020**

Luca Sommacal. Boa noite a todos, e bem-vindos. Em primeiro lugar, agradeço de coração ao padre Julián por ter aceitado estar aqui conosco esta noite e pela companhia que vem fazendo ao nosso caminho há vários anos. Junto com você, nossos passos são definitivamente mais conscientes e seguros.

Também saúdo todos os amigos conectados da Itália e do exterior: Espanha, Suíça, Romênia, Brasil, só para citar alguns.

Lembro que é possível acompanhar a Assembleia em espanhol clicando no ícone do globo que se encontra no canto inferior direito para ativar o serviço de tradução.

Esta noite gostaríamos de falar sobre o "Fio Condutor", texto que sugerimos para acompanhar o caminho da nossa Associação neste ano, cujo título é: *Tu, surpresa em minha vida. Na acolhida, a audácia de um encontro*.

O tema nasceu do trabalho feito sobre o diálogo com você no ano passado, e que você retomou no Dia de Início de Ano do Movimento, quando nos lembrou da importância de olhar e seguir o que Deus está fazendo na nossa vida. No ano passado, você nos disse: "O começo é a comoção de Deus por nós; e nós, sob a pressão dessa comoção, podemos comover os outros, viver a caridade para os outros" (*Notas do diálogo do Diretivo das Famílias para a Acolhida com Julián Carrón*, Milão, 7 de novembro de 2019).

Assim, vivemos os primeiros meses deste ano marcados de modo dramático – e ainda hoje – pela pandemia, e descobrimos a essencialidade do outro para nossa vida. Um "tu" feito dos rostos de nossas esposas e maridos, dos filhos biológicos e daqueles que acolhemos; rostos através dos quais o Mistério, o "Tu" do Senhor, tornou-se mais uma vez companheiro do nosso caminho, apoiando-nos e despertando nosso coração, dando-nos um ímpeto, uma audácia que gerou uma criatividade inesperada. Como, por exemplo, a peregrinação de 7 de outubro último com o Arcebispo de Milão que, transmitida via satélite, permitiu que todos os nossos amigos ao redor do mundo vivessem um momento de comunhão e de oração de outro modo impossível e, ao mesmo tempo, fez com que muitas pessoas desconhecidas para nós conhecessem a nossa experiência (foram mais de 1.400.000 pessoas conectadas!).

Nas últimas semanas, o mesmo drama que experimentamos na primavera passada está sendo revivido, sob alguns aspectos, de forma mais violenta. O que descobrimos e aprendemos não é garantia de um conhecimento já adquirido, como se os padrões consolidados e os conhecimentos para enfrentar esse período difícil pudessem ser aplicados mecanicamente.

Num certo sentido, tudo começa de novo, como você sempre nos lembra com as palavras de Bento XVI: "A liberdade do homem é sempre nova [...] pressupõe que, nas decisões fundamentais, cada homem, cada geração, seja um novo início" (Carta Encíclica *Spe Salvi*, 24). Justamente por isso gostaríamos de ser ajudados a recuperar a consciência de que você nos falou em novembro de 2019, e que começamos a experimentar no caminho deste ano.

Em vista deste encontro, chegaram muitas contribuições e perguntas. Separamos alguns testemunhos que achamos que podem ajudar a refazer o caminho que percorremos e, ao mesmo tempo, aprofundar as experiências que estamos vivendo.

Mas antes de começar as colocações, deixo-lhe a palavra para uma saudação a todos.

Julián Carrón. Boa noite a todos. Sou verdadeiramente grato por poder compartilhar este momento, porque vocês – desde que nos encontramos pela primeira vez – sempre foram um testemunho para mim, mostrando-me como sua vida floresce diante dos desafios exigentes de que falaremos hoje e que vocês enfrentam com audácia. Por isso, vamos começar, porque estou aqui mais para aprender do que para dizer algo em especial, uma vez que na vida de vocês já há tudo o que precisamos olhar e seguir.

TESTEMUNHOS E PERGUNTAS

A. SEGUIR O QUE DEUS ESTÁ FAZENDO

Sommacal. Vamos começar com uma pergunta e um testemunho da Espanha, que introduzem bem o que significa olhar e seguir o que Deus está fazendo em nossas vidas e o que pode gerar viver sob a pressão dessa comoção.

Nós, da Espanha, gostaríamos de fazer uma pergunta, e também dar um pequeno testemunho de gratidão.

Gostaríamos que você aprofundasse o que significa, na experiência, que "da natureza nasce o terror da morte, da graça nasce a audácia" (cf. São Tomás de Aquino, Super Secundam at Corinthios, 5,2). Gostaríamos de nos ajudar mutuamente e ajudar mais as famílias que têm dificuldade na vivência da acolhida a fazer a experiência de bem que vem da graça. São muitas entre nós, e a maior parte são experiências positivas cheias de esperança, mas diante daqueles que têm dificuldades, grandes dificuldades, e vivem situações objetivamente muito duras, como podemos nos colocar? Como podemos ajudá-los a caminhar? Em muitos casos, tanto as crianças acolhidas quanto as famílias que as acolhem têm dificuldades. Nem sempre é fácil reconhecer Cristo no menino que acolhemos e isso é desafiado pelo que está escrito no "Fio Condutor", quando se diz que "a audácia implica [...] uma obediência ativa às circunstâncias [concedidas], marcada pela esperança: 'uma certeza no futuro em virtude de uma realidade presente'".

No Seminário Nacional do ano passado, em Peschiera, ouvimos como tantos garotos maiores, já adultos, testemunham que esse caminho continua e que os nossos tempos não são os tempos d'Ele. Vemos que é preciso tempo para saber o que será da vida desses filhos, esperando, sem perder a confiança de que o destino deles está nas mãos de Deus.

Pedimos uma ajuda para não perdermos de vista a esperança, e podermos acompanhar melhor as inúmeras famílias que têm dificuldade.

Acrescento, agora, um pequeno testemunho pessoal de gratidão: sou a vice-presidente das Famílias para a Acolhida na Espanha há muito tempo. Este ano é o vigésimo aniversário da Associação. Sempre coloco meu cargo à disposição do Conselho Diretivo, mas nunca chega o momento de deixar a Vice-Presidência. Vejo que minha continuidade no Conselho foi um grande dom para mim, para a minha vida, sobretudo neste último período. Três anos atrás, todos nós e outras famílias tivemos que deixar uma casa-família e, naquela ocasião, pude experimentar – lembro-me do dia em que você veio jantar conosco na casa –...

Carrón. Eu também me lembro bem.

Naquela ocasião, pude realmente experimentar o que significa que da natureza nasce o risco da resignação ou da indiferença superficial, o que para mim sempre foi uma tentação. No meu caso particular, isso era acompanhado por uma grande tristeza, que experimentei quando vi que nosso projeto não ia em frente. Naquele momento de profunda tristeza – como nunca experimentei na minha vida, nunca –, pude descobrir em que sentido o eu é relação com os amigos, é relação com um outro, em primeiro lugar com o Senhor, depois, com meu marido – pude realmente experimentar uma ternura de sua parte pelo meu sofrimento – e com uma companhia real que ainda me maravilha pela beleza que experimentei no meio de toda a tristeza. Também com as pessoas próximas e, acima de tudo, com o meu grupo de Fraternidade e com muitos amigos que você conhece bem, com o Conselho Diretivo das Famílias para a Acolhida e com muitas pessoas da Associação, onde encontrei a coragem de uma amizade atravessada pelo Senhor. Sempre ofereci meu cargo porque acreditava que para a Associação era um peso manter uma pessoa com um sofrimento tão grande no coração, especialmente nos últimos dois, três anos. Em vez disso, meus amigos do Diretivo sempre insistiram para que eu ficasse e, neste tempo, pude testemunhar muitas histórias bonitas. Nos últimos meses, decidimos fazer um documentário para celebrar os vinte anos da Associação Famílias para a Acolhida na Espanha. Com a ajuda e o incentivo de Javier Prades também começamos a preparar uma bela exposição com pinturas do Museu do Prado, que contam a experiência da adoção. Durante este tempo, eu e as pessoas do Diretivo pudemos ouvir muitos testemunhos, o que nos permitiu entender como o cristianismo é fácil, porque não somos nós que o fazemos acontecer, mas Ele. Isso foi e tornou-se para mim uma certeza no meio de toda a grande dor que eu sentia e que, às vezes, ainda sinto. Eu queria que essa certeza, essa alegria acontecesse com a nossa história, com a casa-família, e não aconteceu, mas Deus faz acontecer em muitos outros lugares. E nós, do Diretivo da Espanha, queremos seguir o que vemos acontecer. Para fazer o documentário, tivemos a oportunidade de reunir muitas pessoas, que falaram sobre o significado da acolhida em nossas

vidas e, vendo a resposta favorável delas, ficamos tocados e gratos pelo milagre que o Senhor fez acontecer no meio de toda a nossa miséria, do nosso limite, do nosso pecado, tão grande muitas vezes. Essa certeza nos permitiu nos abirmos cada vez mais a novas realidades que não têm nada a ver com a nossa história. Inclusive, vários comitês da Administração Pública finalmente abriram pequenas portas para nós: estamos, por exemplo, organizando um programa que permitirá que cerca de trinta crianças possam ter aulas fora de suas casas. A relação com essas Associações está se tornando uma coisa muito bonita e algumas delas começaram a colaborar conosco fazendo o que chamam de "voluntariado". Acredito que tudo isso é fruto da audácia que nasce da graça e agradecemos à Associação italiana, que torna tudo isso possível. Para nós, eles são como pais que sempre cuidaram de nós com uma estima infinita, com uma grande ternura e uma grande paciência, e nos ajudaram a crescer. Obrigada também a você, Julián, por sua companhia.

Carrón. O que significa que "da natureza nasce o terror da morte, da graça nasce a audácia"? Penso que todos nós, agora, pela circunstância que estamos vivendo em todo o mundo, vemos como da natureza nasce apenas o medo, nasce o terror. Poderíamos usar diversas palavras para dizer que não somos capazes de dar a nós mesmos o apoio, a esperança de que você falou, que só pode vir da graça, ou seja, de algo que nos aconteceu, como sempre repetimos com Péguy: "Para esperar é preciso ter recebido uma grande graça" (cf. Ch. Péguy, *O pórtico do mistério da segunda virtude*, Paulinas Editora, Portugal). Tudo o que você descreveu mostra como a graça permanece, mesmo no meio de todos os problemas, das dificuldades, dos tempos duros com os meninos, com os filhos, e isso documenta o poder da graça. No "Fio Condutor", como vocês o chamam, está descrito muito bem: às vezes vocês se sentem "perdidos", na situação em que se encontram, às vezes cheios "de incerteza", etc. E me impressionou o que vocês escreveram: "No entanto", surpreendidos "com o florescimento de uma graça inesperada", com a vida, ou seja, com aquilo que Ele faz. Esse "No entanto" mostra que a surpresa pela graça continua acontecendo, porque se há alguém entre nós que vive constantemente numa situação de total desafio, são vocês, porque não é a mesma coisa fazer um gesto de caritativa uma vez por semana, ou a cada quinze dias, e viver a acolhida vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, durante trezentos e sessenta e cinco dias por ano – como vocês fazem –. Mas, ao mesmo tempo, justamente porque vocês são tão audazes, vocês se perguntam: "De onde nasce essa capacidade?", uma vez que vocês percebem cada vez mais que as dificuldades são tão incomensuráveis em relação às suas forças que fica mais evidente como sozinhos – ou seja, só com a energia da natureza – vocês não dariam conta. Por isso, aparece com toda a sua força a surpresa desse "No entanto": no entanto, vocês não podem deixar de se surpreender com o florescimento da vida, ou seja, com a gratidão, a audácia, a liberdade que percebem em vocês, que surpreende a todos, até mesmo a Administração Pública, como você disse. De onde vem isso? Você o disse: de seguir o que vocês veem acontecer diante de seus olhos e que é Ele quem faz. Você disse de modo muito eficaz: "Como o cristianismo é fácil, porque não somos nós que o fazemos acontecer, mas Ele". Isso fica evidente justamente quanto mais somos desafiados pela pandemia e pelas dificuldades com nossos filhos porque as coisas não se encaixam ou eles agem segundo a cabeça deles, e nós devemos esperar o tempo deles, como mostram ainda mais claramente os testemunhos de vocês: que certeza é necessária para esperar o tempo deles! Só ver essas coisas – como vocês me dão a oportunidade de ver esta noite – já é o sinal mais evidente da graça que está acontecendo, porque sem a graça não seria possível. Então, como podemos entender uma frase como esta sobre o medo e a audácia? Não virando a cabeça para o outro lado, mas olhando, olhando para o que está acontecendo diante de seus olhos, porque é a única coisa que vai convencê-los de que a graça é algo real e não pode ser fruto de nenhuma estratégia – porque com os filhos, muitas vezes, nenhuma estratégia é suficiente –. Que depois de anos vocês continuem vivendo com essa alegria, maravilhando-se com tudo o que veem florescer é o sinal mais evidente da graça em ato. Uma graça que se encarna nos amigos, na companhia mútua que vocês se fazem e que sustenta vocês. Tudo é um sinal do Tu de que vocês falaram durante este ano e que reconhecem constantemente entre vocês. Por isso, a única maneira de entender expressões desse tipo é olhar. Sempre me surpreende que o Mistério, para nos fazer entender as palavras decisivas da vida, as faça acontecer. Em vez de nos dar uma teoria sobre a graça e sobre a audácia, as faz acontecer e, assim, compreendemos por que está ao alcance de todos. Faz acontecer o amor a um filho, porque ele só pode entender quanto vocês o amam quando vê acontecer na própria vida. Às vezes eles precisam de muitos sinais para poder se render a isso; e se depois de tantos sinais podem se render, é só por isso, porque eles veem acontecer! Qualquer tipo de discurso, qualquer tipo de apelo não teria poder sobre eles. É

só a graça de uma ternura infinita para com eles que, com o tempo, pode fazer florescer até os mais resistentes. Obrigado.

B. A SURPRESA DO "TU"

Sommacal. A surpresa do outro como essencial para a própria vida não é algo que se torna evidente simplesmente porque alguém o afirma. É uma surpresa, ponto. E é ainda mais surpreendente perceber que dentro dessa diversidade – porque o outro é diferente de mim e de como eu penso que é ou deveria ser –, através dessa diversidade o Senhor vem ao meu encontro, como dizia a colocação anterior. "Estavas dentro da pessoa que eu acolhi e eu não sabia. Agradeço-te, ó Cristo, por me teres levado a fazer algo que eu não teria feito", diz o "Fio Condutor", citando Dom Giussani.

Sou pai de um garoto adotado, do Extremo Oriente. Neste período, minha esposa e eu estamos passando por várias dificuldades e questões críticas na relação com ele. Nosso filho – que é um menino bom e simpático –, também por causa de sua doença, muitas vezes tem atitudes e comportamentos agressivos e violentos conosco e com quem o circunda, colegas, amigos, etc., gerando situações de tensão nos diversos contextos fazendo-o ficar isolado, circunstância que ele detesta. Diante desses desafios cotidianos, muitas vezes surge a pergunta dramática: "O que eu fiz de mal para merecer isso?"; ou: "Senhor, o que queres de mim com esta situação?". Essas perguntas, embora muitas vezes surjam com um tom de pretensão e raiva, não me fazem negligenciar a circunstância na tentativa de tolerá-la ou ignorá-la, ou tensionar os músculos na esperança de suportar a situação até que haja uma mudança (se houver).

O "Fio Condutor" deste ano, citando Dom Giussani, num determinado momento diz: "estavas dentro daquele menino, daquele companheiro, Tu estavas dentro da pessoa que acolhi e eu não sabia".

O pedido para descobrir o significado e o que há de bom para mim nesta situação me interessa muito, para não perder tempo. Gostaria que me ajudasse a entender os passos que preciso dar para fazer essa descoberta.

No "Fio Condutor" está escrito: "Acolher é deixar o outro entrar [...] definitiva e totalmente, a ponto de abraçar seus limites e feridas". Nas inúmeras experiências de acolhida que fiz, este ponto para mim, sempre foi uma provocação e um desafio. Na acolhida atual, eu vivo e percebo isso ainda mais: estamos acolhendo um menino com muitas dificuldades, especialmente um transtorno que não lhe permite continuar seus estudos, nem viver uma vida plena. Ele passa os dias no quarto, quase sem se relacionar conosco, nem com os nossos filhos. Essa situação evidenciou ainda mais meus limites e a dificuldade para ficar diante daquilo que em O Milagre da Hospitalidade Dom Giussani chama de "diferente de si".

Como está escrito no "Fio Condutor": "Estavas dentro [...] da pessoa que acolhi e eu não sabia", Sei disso, mas esqueço, porque o cansaço às vezes me domina.

O que pode permitir que eu abrace meu filho até o fundo e me dar as razões do que me sustenta nos momentos mais difíceis?

Carrón. O que há de bom, disse a pessoa que falou antes, nessa situação em que os filhos os colocam? Se há alguém que vê o quanto – por causa de uma história do passado, de uma infância difícil – todas essas crianças se sentiram rejeitadas, não acolhidas, passaram por situações verdadeiramente dolorosas, são vocês. E, em muitas ocasiões, vocês percebem que a possibilidade de abraçá-los está além de qualquer capacidade que vocês tenham, como você disse agora. Então a pessoa se pergunta o que há de bom nisso para si. E é o que eu pergunto a você. O que houve de bom para você em todo esse desafio? Porque eu só posso dizer o que percebi de bom nos desafios que apareceram na minha vida. Você tem os seus, ela os dela e eu os meus. Todas as situações em que vim a me encontrar, segundo o desígnio de um Outro, foram preciosas na minha vida porque, sem precisar me perguntar quem estava certo ou errado (isso não importa), me colocaram em caminho, me desafiaram e continuam me desafiando. O que tudo isso me traz de bom? Porque eu não posso estar diante desses desafios constantes sem fazer memória. Como Bernanos disse: "A injustiça... não acredite que vai repeli-la olhando-a nos olhos como um domador... Olhe para ela o estritamente necessário e nunca olhe sem rezar" (G. Bernanos, *Diário de um parreco de campanha*, Mondadori, Milão 1988, p. 52). Não

podemos olhar muito tempo para o mal, para a doença ou para o sofrimento sem nos colocarmos diante de uma Presença. Então, para mim, o silêncio, a memória como uma busca constante por Cristo, é a única coisa que me permite esperar pelo tempo de um Outro. A partir do momento em que começamos uma relação com o outro não podemos decidir a priori qual é o tempo dele, então é preciso esperar. E enquanto o outro caminha segundo o seu tempo – porque não sabemos como e o que vai acontecer –, o que fazemos? Quem nos sustenta nessa situação? O que nos permite abraçá-lo assim como é? Só a consciência, que devemos renovar constantemente, de termos sido abraçados e de continuar sendo abraçados por Cristo. Por isso, quando falamos com Luca, eu disse a ele que não sabia como poderia ficar diante dessas circunstâncias e como poderia estar diante dele sem uma familiaridade com Cristo; seria impossível. Então, que bem essa situação lhe traz, amigo? Que bem lhe traz, amiga? A possibilidade de dizer, como afirma Giussani na passagem que vocês citaram: “Estavas dentro daquele menino, [...] Tu estavas dentro da pessoa que acolhi e eu não sabia”. Era Ele que vinha bater à sua porta: “Vocês me acolhem?”.

Para acolher a diversidade que o outro é – com toda a complexidade que só vocês conhecem – durante todas as horas do dia, não há nenhuma medida, nenhuma energia, nenhuma natureza – para voltar à frase de São Tomás – que possa nos tornar capazes de abraçar dessa forma. Só é possível por causa da audácia que nasce constantemente da graça. Só por este voltar a Ele, surpreendendo-nos novamente com toda a paciência que o Mistério tem para conosco, com toda a misericórdia que Ele tem para conosco. É o maravilhamento diante da infinita preferência do Mistério por nós que nos permite acolher o outro. Sem isso, sem experimentar de novo esse abraço, não no passado, mas agora, agora, será muito difícil, se não impossível, abraçar o outro. Iria prevalecer, como o amigo anterior disse, a raiva, a incompreensão ou a pretensão sobre todas as atitudes com que vocês se deparam. Não podemos acompanhar pessoas assim, sem fazer esse caminho. Como vocês conseguem se abraçar pela manhã sem fazer memória? Achamos que são sempre os outros que criam problemas para nós; e nós? Como podemos nos abraçar sem deixá-Lo entrar? Como seria uma manhã em que não pudéssemos encontrá-Lo? Como seria esse dia? Como para um filho que não encontrasse a presença de vocês. Podemos entender bem isso. Por acaso pensamos que precisamos menos disso do que eles?

C. A AUDÁCIA DE UM ENCONTRO

Sommacal. Com as duas próximas colocações, gostaríamos de expressar a audácia na dinâmica de um encontro. Na primeira, a audácia como amor pela liberdade do outro, ou seja, aceitar um passo que você não controla, experimentando uma espécie de vertigem, uma relação que você não sabe onde o levará. Na segunda, a audácia de se expor e encontrar os outros com todas as próprias questões – e fragilidades, ousado dizer –, sendo, justamente por isso, testemunho de um eu renovado.

Quando adotamos nosso filho, uma adoção internacional, ele já tinha 9 anos e, agora, tem 22. Ele foi abandonado ao nascer e sempre viveu numa instituição, exceto dos 5 aos 7 anos, quando morou na casa de uma tia.

O caminho logo se mostrou difícil e, depois de apenas dois ou três anos, a relação entre mim e meu filho entrou em curto-circuito e, como consequência, tive que adotar, como remédio e medida de proteção, uma distância afetiva e física. Durante muitos anos, não tive quase nenhuma relação com ele e apenas me limitei a responder às suas necessidades básicas: alimentá-lo, comprar algumas roupas, coisas assim. Nesse período, o tempo me parecia perdido e todos os dias eu me perguntava qual era o sentido de uma maternidade assim: eu não construía nada e, por isso, pensava que nada de bom poderia acontecer com meu filho (ele não convivia com os amigos que, na minha opinião, poderiam ajudá-lo, ou frequentava os ambientes que poderiam ajudá-lo, e também tinha parado de ir ao psiquiatra).

Ao mesmo tempo, frequentando a Associação das Famílias para a Acolhida e, em particular, estando com alguns amigos, vi e entendi que não era algo automático e que o destino do meu filho se jogava num horizonte e num tempo diferente do que eu pretendia e, então, a única coisa concreta em que eu podia confiar era na oração. Sempre me confortou muito aquela passagem do Evangelho em que Maria e José perdem Jesus e precisam voltar a Jerusalém para procurá-lo, e quando o encontram, Nossa Senhora diz: “Por que você fez isso conosco? Nós estávamos angustiados procurando por você!”. A passagem termina dizendo que Maria guardava em seu coração tudo o que acontecia com ela. Então, eu disse a mim mesma: “Se ela ficou angustiada, eu também posso ficar!”. Assim como Maria e José, nós também não entendemos o que os

nossos filhos dizem ou fazem. Mas a parte mais difícil para mim foi "guardar" o que estava acontecendo. Para guardar é preciso lembrar, proteger e cuidar, enquanto eu só queria que tudo passasse, queria esquecer. E como sozinha eu não conseguia guardar, encontrei – graças a Deus – um coração maior que o meu, o coração dessa companhia de amigos, que julga e acompanha, ao longo do tempo, uma posição humanamente insustentável.

Certo dia, quando meu filho tinha cerca de 19 anos, sem qualquer sinal que demonstrasse, ele me deixou o rascunho de uma carta em que me falava do "tormento" que tinha no coração há anos; e, naquela mesma noite – antes que eu pudesse fazê-lo –, veio até mim e, explodindo em lágrimas, me abraçou pedindo desculpas.

O que eu achava impossível aconteceu! E aconteceu de um modo que ainda hoje desconheço, que me lembra que meu filho – mas se aplica a qualquer pessoa – é, no fundo, um mistério, e não posso reduzi-lo ao que ele faz, ao que sei sobre ele ou ao que eu predetermino para ele.

Hoje, a distância certamente diminuiu, mas sempre tenho um desejo (ou uma tentação?) de ter uma proximidade maior e, talvez, até uma intimidade com ele. Às vezes penso que se eu fosse sua mãe biológica não teria esse desejo, porque ele teria sido satisfeito no início, com a gravidez. Mas depois, percebo que eu também tenho o mesmo desejo em relação aos meus amigos e meu marido.

Então, pergunto: é um desejo perigoso? Aonde ele pode me levar?

Do "Fio Condutor" deste ano, leio: "Acolher é deixar o outro entrar em nossa vida: agora, definitiva e totalmente, ao ponto de abraçar seus limites e feridas. Há um Outro por quem, por nossa vez, somos acolhidos, numa dinâmica de reciprocidade que só o amor torna possível. É um encontro entre duas liberdades misteriosamente relacionadas uma com a outra". Meu filho entrou na minha família dessa forma, total e definitivamente, porque ele foi acolhido: primeiro obtivemos a guarda e, depois, o adotamos. Acolhemos seus limites e suas feridas, e, por nossa vez, fomos acolhidos dentro dos nossos grandes limites como pais ao sermos aceitos por esse filho que confiou totalmente e se entregou a nós.

Mas o que fazer quando, de repente, depois de um longo e intenso percurso feito de coisas boas e positivas, alguns meses após a adoção desperta nele um forte desejo de retomar o contato com seus pais biológicos e com todos os seus parentes? O que fazer quando, um belo dia, ele lhe pede para levá-lo com a irmã à casa de seus pais não só para poder finalmente vê-los novamente depois de tantos anos, mas também para jantar, e até dormir lá? O que fazer quando minha esposa e eu, já tomados pelo desânimo e pela dor, somos informados de que ele gostaria de ir ao seu país de origem em breve para começar seu próprio negócio, determinado e convencido das suas intenções, porque lá sempre haverá seus ex-pais e parentes para ajudá-lo financeiramente?

Então, de repente, numa Escola de Comunidade onde eu manifestei meu sofrimento como pai, um amigo que me escutava atentamente me "desconcertou" completamente quando disse: "estou fascinado com sua postura, estou atraído por essa sua liberdade e esse amor por seu filho. Você não se sente arrasado? No seu lugar, eu teria surtado. Queria saber como você faz e gostaria de entender melhor. Dá para entender muito bem a sua experiência nas Famílias para a Acolhida". Fiquei muito impactado. Eu tinha chegado na Escola de Comunidade com o desejo de "esvaziar o copo" e ser ajudado, mas na verdade eu saí como testemunha de uma Realidade (com r maiúsculo) que se impõe e de uma liberdade verdadeira, de um bem não moralista, que só agora vislumbro, na relação com meu filho.

Carrón. Que bem essa situação pode trazer a vocês? A consciência de que seu filho é um mistério, não mais reduzido à imagem que você tem ou tinha dele, como todos podemos fazer com nós mesmos ou com os outros. Além do mais, pode ampliar o horizonte do nosso olhar, como contou a amiga que falou antes de você, que viu acontecer coisas que depois de dezenove anos considerava absolutamente impossíveis. Diante dessas situações verdadeiramente desafiadoras, somos todos forçados a ampliar, a dilatar a capacidade de compreensão da realidade que é sempre maior do que a nossa "filosofia". E isso nos permite estar diante do mistério do outro, da sua liberdade, amando esse mistério, amando essa liberdade, porque só assim podemos amar verdadeiramente a nossa liberdade e nos maravilhar diante do mistério que somos. O "mistério eterno do nosso ser", tão caro a Leopardi (G. Leopardi, "Sobre o retrato de uma bela mulher esculpido em seu jazigo", em Poesia e prosa, *Querida Beleza...*, vv. 22-23, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1996, p. 276), sem o qual não podemos entender toda a diversidade do nosso ser homens. Muito diferente de mecanismos! Estamos diante de um ser,

de um outro totalmente diferente de nós, que constantemente nos supera por todos os lados. Como quando um menino adotado, depois de anos, quer voltar à casa de seus pais biológicos: novamente o mistério do outro se manifesta. Vocês tomaram conta dele durante anos, cuidaram dele de uma forma “alucinante”. E, de repente, o mistério do outro aparece, bagunçando todas as nossas imagens! E então? O que você descobre, que bem você descobre para si, mesmo dentro da dificuldade de ver um filho partir? Sua liberdade, que você não sabia que tinha, que causa maravilha em um amigo que lhe diz: “Estou fascinado com sua postura, estou atraído por essa sua liberdade e esse amor por seu filho. Você não se sente esmagado? No seu lugar, eu teria surtado”. Isso deixou você desconcertado e lhe causou um grande impacto.

Onde poderíamos aprender essas coisas? Em algum livro? Não, nós só as aprendemos, uma após outra, voltando-nos àquilo que acontece. Se ela não tivesse visto o que viu acontecer, poderia jurar que algo diferente teria acontecido? Depois de anos como aqueles, responderia: “Nem por sonho!”. No entanto, sempre há espaço para a novidade. E essa é uma esperança para nós também, tanto que um amigo pode identificar a liberdade. Por que alguém se sente tão impressionado com a sua liberdade? O que lhe permite ter essa liberdade? Quase sem perceber, você viu crescer em você uma superabundância de amor, percebeu em você uma tal experiência de ser amado que alguém ao seu lado lhe disse algo que o desnordeou: “Eu ficaria arrasado”. Nós levaremos essas coisas até o túmulo, porque constituem nosso ser homens no mundo e mudam a realidade mais do que pensamos; muda a nós em primeiro lugar, e depois os outros que, quando veem essas coisas não podem deixar de se surpreender. É para isso que devemos olhar. Quando, diante de alguma dificuldade, vocês se colocam perguntas como as desta noite, justíssimas – vocês têm todos os motivos para fazerem perguntas desse calibre –, nenhuma resposta que eu pudesse lhes dar tem a capacidade de convencê-los mais do que o que vocês viram e veem acontecer nas suas vidas. Então, é importante que vocês percebam o que estão dizendo, mais do que o que eu possa dizer! Vocês percebem que na experiência de vocês, na realidade que vocês vivem está a resposta para suas perguntas? Porque as respostas estão além de qualquer previsão! Porque acontece o que vocês achavam impossível acontecer quanto ao mistério e à liberdade do outro, tanto que quando acontece com alguém, é impossível não se maravilhar. Ao mesmo tempo, esse maravilhamento que você vê no outro afeta você. Isso é muito forte! O Mistério o devolve a você encarnado, não faz um discurso: faz com que o outro fique tão impressionado que lhe devolve o maravilhamento feito de carne. Senão, você nem perceberia que é “testemunha de uma Realidade que se impõe e de uma liberdade verdadeira, de um bem que não é moralista, que só agora vislumbro, na relação com meu filho”. Seus filhos estão gerando vocês!

D. EXPRESSÕES DA AUDÁCIA

UMA OBEDIÊNCIA ATIVA ÀS CIRCUNSTÂNCIAS

Sommacal. No “Fio Condutor” se diz que na acolhida a audácia não é “uma aposta baseada em nossas próprias forças ou no acaso, mas uma obediência ativa às circunstâncias, marcada pela esperança”.

Nos últimos meses, *minha esposa adoeceu e isso a impede de fazer muitas das coisas que fazia antes, o que a levou a sofrer muito. Ela, que sempre foi o pilar da nossa família numerosa e das muitas acolhidas que vivemos. Nos primeiros dias, eu esperava confiante pelo dia seguinte, pedindo ao Senhor que aos poucos permitisse que sua saúde melhorasse. Passaram-se as semanas e os meses e, num determinado momento, me vi numa encruzilhada: ou ficava com raiva, ou mudava o modo de olhar para essa circunstância e para o tempo que me era dado, os filhos, o trabalho, e minhas energias, que normalmente faltam. Tentei começar a amar a situação e todas as muitas facetas que surgiram, mesmo agora, tamanha a minha inadequação em responder ao que ela sempre fez por todos nós. Mas é uma posição difícil de manter. Estou entendendo que seguir a realidade é começar a amar as coisas que me acontecem, assim como são, mesmo as coisas pequenas e aparentemente sem grande valor, ou aquelas que no decorrer do dia, nos paralisam. E assim, situação após situação, minha vocação vai se revelando cada vez mais, quer dizer, o modo como o Senhor faz eu me sentir feliz novamente dentro de um gosto pelas coisas. Porém, por ser uma posição que preciso pedir constantemente, gostaria que me ajudasse a entender melhor o que pode me salvar da tentação de passar de um seguir a realidade para um seguir a ideia de realidade que eu posso ter em mente. O que significa viver*

uma obediência ativa às circunstâncias e não uma aposta na qual me apoio apenas nas minhas forças?

Muito obrigada, realmente! *Eu achava que a acolhida que estamos vivendo e que sempre vivemos fosse o antídoto para o niilismo e que todo o trabalho de ajuda às famílias me tornasse imune a isso. Mas o trabalho que fizemos neste verão me fez pensar muito, e ficou mais clara a percepção de que o niilismo se aloja no meu esquecimento de que sou filha.*

Muitas situações que encontro são tão difíceis e dolorosas que às vezes me deixam aflita, me levam a um compromisso quase frenético, e sinto uma certa tristeza porque vejo tantas famílias bonitas que poderiam se dedicar um pouco mais. E me pergunto: o niilismo pode assumir o rosto dessa pretensão ou desse ativismo?

Outra face do niilismo que descobri em mim, com dor – realmente com dor –, está em pensar: "As crianças não mudam, talvez nunca mudem", ou: "As famílias cometem os mesmos erros, já tentamos de mil maneiras, mas parece que elas não mudam". Então, surge uma desconfiança do presente, mesmo tendo visto muitos milagres e muitas coisas que mudam, como se dissesse: "Aqui não há nenhuma chance".

A acolhida acontece por um movimento do coração, um coração que se deixa "comover", a ponto de dizer: "Vamos, venha para minha casa!". Como discernir a comoção quando, depois, resulta numa aflição, numa pretensão, num sentimento de culpa por não saber responder adequadamente a algumas necessidades? Entendo que é muito diferente da obediência tranquila a uma circunstância dada.

Carrón. Acho que o amigo que falou antes de você mostrou a chave para superar a alternativa entre ficar com raiva ou mudar. Ele disse que aceitar uma situação problemática não é fácil, é humanamente difícil; depois usou a palavra vocação. Acho que se entender isso é útil para todos, para vocês é crucial, porque vocês estão sempre numa encruzilhada, como ele disse, desafiados de todas as maneiras pela complexidade da situação que os filhos devem atravessar por causa da história deles, das circunstâncias pela qual passaram – coitados! – sem terem culpa.

Se a pessoa não reconhece que a circunstância é a maneira pela qual o Mistério a chama a responder, acho que será difícil seguir em frente. É difícil para qualquer um, é tanto mais difícil quanto mais a pessoa é desafiada! O ponto é se temos um interlocutor adequado ao desafio. A culpa não é do filho ou do outro: podemos dar todas as explicações, fazer todas as análises possíveis e imagináveis, mas no final de tudo, quem é nosso interlocutor último diante da situação? Como você disse: o antídoto para o niilismo é acolher ou ser filha? É aqui que se vê a diferença entre colocar nossa esperança num ativismo ou na pretensão de que os outros mudem, porque isso não nos faz resistir numa situação como esta! Só a possibilidade de uma relação pessoal com Cristo preenche a vida e nos dará a oportunidade de esperar a liberdade deles, sem pressa, sem pretensões, sem nos irritarmos.

É inevitável, normal, que estejamos sempre aflitos: desejamos o bem dos filhos, que eles encontrem seu caminho, que tenham menos dificuldades e que nós também tenhamos um pouco menos. Tudo isso é absolutamente desejável, não podemos evitar, mas o problema surge quando as coisas não acontecem de acordo com o nosso tempo: o que fazemos enquanto esperamos por tudo o que desejamos e não sabemos quando vai chegar? De fato, não podemos viver apenas do futuro que ainda não conhecemos. Só podemos esperar se, o tempo todo, vivermos de um relacionamento que preenche afetivamente a nossa vida! Se não vivermos da superabundância que só Cristo pode trazer, sempre dependeremos do êxito, do resultado de nossas tentativas que não são suficientes para responder ao desejo de plenitude que cada um de nós continua tendo. Para poder olhar com esperança, numa postura de espera, o modo como se realizará o desígnio de um Outro sobre nosso filho, para podermos estar diante dessa vertigem – é assim que Giussani descreve a religiosidade, como uma posição vertiginosa diante do Mistério – é preciso ser filhos, como disse a nossa amiga. Por ser Filho, Cristo foi capaz de esperar o caminho de cada um de nós e continua esperando, assim como esperou o caminho de Pedro! Portanto, não é uma estratégia que fará com que nos libertemos do ativismo ou da desconfiança da mudança, mas só a certeza de sermos filhos. Ninguém pode olhar para o próprio filho sem a consciência de ser, por sua vez, filho de um Pai bom, que está respondendo ao meu desejo e também responderá ao bem do filho que eu não sei qual é, eu não sei de que maneira o Mistério vai alcançá-lo.

Que bem essa situação nos traz? Pede-nos um relacionamento único com Cristo, a fim de podermos viver de maneira adequada a acolhida. O caminho de vocês para Cristo não é algo

paralelo, mas passa através de tudo o que vocês contaram, caso contrário vocês não aguentariam! Só quando sou desafiado como vocês, mesmo que por tantas outras coisas, sou obrigado a uma relação ainda mais familiar com Cristo, senão eu não aguentaria. Esse é o bem que um filho traz a vocês. É claro que vocês seriam poupados de muitas coisas se tivessem escolhido uma vida menos desafiadora, mais tranquila. Eu também teria sido poupado de muitas coisas se tivesse ficado na Espanha! Mas não teríamos trilhado o caminho que nos levou a uma intensidade na familiaridade com Cristo e a ver acontecer o que parecia impossível, como um de vocês disse antes. É este o bem que os filhos e outros nos trazem: a possibilidade de fazer um caminho vertiginoso, certamente, mas justamente por isso, cheio de maravilha por ver coisas que aqueles que preferem uma vida mais cômoda nunca verão. Porque não é possível vê-las olhando da janela, mas só colocando a mão na massa, como vocês fazem. Basta ouvir as histórias de vocês para vibrar de comoção. Algumas coisas não conseguimos entender, nós e vocês, sem sermos desafiados, porque isso nos leva a ver o que de outra forma não poderíamos ver.

PRESENÇA COMO UM TRABALHO QUE SEGUE O QUE UM OUTRO FAZ

Sommacal. Outra expressão da audácia é arriscar uma presença, encontrando outras realidades e colaborando para a construção do bem comum. Faço uma citação do "Fio Condutor": "Queremos nos ajudar a não perder a plenitude de vida que vivemos, arriscando uma presença no mundo, abertos a encontrar aqueles que, como nós, ainda têm a coragem de se maravilhar e, por isso, o desejo de construir".

Nunca, como neste período, pensei nas palavras que você nos disse no ano passado e que repetiu no Dia de Início de Ano: "Ir atrás da vida que existe". A vida é feita daquilo que o Mistério nos envia e nos faz encontrar. Penso no fato de alguns de nossos entes queridos terem sido infectados pelo Covid, com tudo o que isso implica, na caridade que existe entre nós, especialmente em algumas pessoas simples, na experiência de ações em conjunto com muitas associações e entidades sociais, na minha atitude nas últimas eleições regionais nas quais me preocupava em poder construir e não demolir, tudo isso numa relação de confiança mútua que cresce. Eu poderia dar muitos outros exemplos que, além de mim, envolvem muitos outros de nós em diferentes realidades.

Em particular, penso na minha experiência no Fórum Nacional das Famílias, na relação com Gigi De Palo, na estima e nas relações que nasceram e se fortalecem, o que nos faz ir além do nosso "quintal". Também penso no gesto do Rosário que fizemos no dia 7 de outubro e na relação com o Escritório Nacional da Pastoral da Família da CEI, em especial com padre Marco Vianelli, chefe do Escritório, ou com a TV 2000, cujo diretor, depois do Rosário, nos escreveu dizendo que a transmissão "foi uma ocasião para conhecer a experiência de acolhida de vocês, uma das obras mais interessantes nascidas do carisma do Servo de Deus, Monsenhor Luigi Giussani, mas também para apreciar o cuidado com que vocês prepararam a celebração do Santo Rosário". Retomo o que você disse no Dia de Início de Ano sobre a importância de acolher os fatos em vez de ceder às interpretações.

Como nos ajudarmos nessa experiência, tanto pessoal quanto associativa, para continuar a estar em relação e em relacionamento com todos? Como se joga a minha responsabilidade em tudo o que faço?

Carrón. Simplesmente como você disse: indo atrás da vida que existe. Porque todas as coisas que você citou – do Rosário ao Fórum das Famílias, e ao encontro com as pessoas que você nominou – são ocasiões. Podemos aproveitar delas para partilhar com os outros a graça que nos veio do carisma ou podemos desperdiçá-las. Não há uma estratégia em particular, a questão é que cada um, na própria vida, se depara com colegas, encontra pessoas que trabalham nas instituições civis, ou nas instituições eclesiais. Nós não ficamos no nosso quintal. Por toda a vida que há entre vocês, é impossível ficar no quintal de casa! Todas as coisas que você disse documentam que cada gesto, mesmo pequeno, é público, tem uma relevância pública. E as pessoas, que não são ingênuas, percebem a novidade, a diversidade desse gesto. A novidade, a diversidade não dependem de manifestações clamorosas, basta o cuidado com que vocês prepararam o Rosário: que foi apreciado. As pessoas estão cada vez mais atentas para identificar no detalhe uma diversidade. Nós a comunicamos vivendo, porque não há outra maneira para não perder a plenitude da vida; não fazemos coisas para obter o reconhecimento dos outros – que, às vezes, chega – porque já vivemos da superabundância do que nos acontece. Depois, em

alguns momentos, podemos até agradecer pelo conforto de receber o reconhecimento, mas já fomos pagos além de qualquer tipo de medida: o cêntuplo aqui, que experimentamos, está além de qualquer medida.

E. COMPANHIA (O "TU" PRESENTE)

Sommacal. As últimas colocações que propomos visam ajudar a aprofundar o que significa a companhia entre nós. Tudo o que dissemos até agora gera e sustenta as Famílias para a Acolhida – retomando o "Fio Condutor" –. Gera e sustenta a nossa Associação, porque gera e sustenta cada um de nós, gera a unidade da pessoa que, dentro de uma companhia humana, se move e se envolve, abrindo-se para o mundo.

O verão que começou depois da pandemia nos encontrou mais desejosos de um Bem que não acaba. Tivemos a possibilidade de encontrar muitas pessoas, algumas só por telefone, outras pessoalmente. Ficamos mais contentes em seguir a realidade porque não estávamos sozinhos. Dentro das inúmeras restrições, muitas vezes me perguntei: o que resiste ao impacto da passagem do tempo? O que resiste diante de tanto medo que ainda existe, diante de tanta confusão que encontro no meu local de trabalho todos os dias? Só uma Presença que está aqui, que me espera e que me ama, da qual eu preciso como o ar que eu respiro. Através dos tantos encontros, fiz experiência desse bem que chega através de pessoas desconhecidas e para as quais eu me torno familiar, e elas, a mim. Manter, juntos, a esperança, manter elevado o desejo do coração neste momento é difícil, mas na experiência tocamos com nossas mãos que Ele realiza esse Bem e ele se torna familiar para a minha vida, tanto que eu posso contar aos outros, porque é tão carnal que a gente não esquece mais. Uma Graça que enche meu coração de gratidão e me abre à vida. "Da graça nasce a audácia", diz o "Fio Condutor". A audácia de apoiar concretamente nossos amigos dentro da ferida de um filho adotivo que se volta para sua família biológica; a audácia de ir encontrar as famílias novas; a audácia de uma família que gostaria de fazer a experiência da acolhida; a audácia de chamar o Serviço Social para continuar entendendo e construir um caminho. Não há nada mais bonito do que compartilhar um caminho, com a intensidade de Van Thuan (no seu livro) quando se dirige a um jovem que queria se tornar padre: "Que você possa ser uma presença do Deus vivo". Aí está: ser uma presença do Deus vivo! Cada vez mais; no caminho da acolhida, isso salta ainda mais aos olhos porque a realidade aperta, e às vezes sufoca.

Uma companhia assim, que reza por você, que passa pela concretude de um amigo, me faz sentir cada vez mais a necessidade disto: uma maior proximidade e familiaridade entre nós, que também é caridade. Pode nos ajudar em relação a isso?

Eu e minha família passamos por um período muito difícil. Eu tenho o desejo de dizer: "Amigos, quero viver com vocês essa dificuldade, não quero me sentir sozinha". Dentro de uma companhia, quando e como esse desejo se torna pretensão?

Olhando para as histórias e para a vida de tantas famílias como a minha, o que predomina é a ferida. A ferida daqueles que não podem ter filhos biológicos, a ferida dos filhos que acolhemos, a ferida das famílias que vivem o crescimento dos filhos que acolheram dentro de uma grande revolta, que muitas vezes os leva a fazer escolhas erradas.

Em toda essa imensa dor há um ponto de luz, que é a nossa companhia dentro do Movimento e, em particular, dentro da obra das Famílias para a Acolhida. Através dessa experiência "particular", encontramos muitas pessoas, também de fora do Movimento, que antes de tudo se sentem acolhidas, compreendidas e não julgadas.

Nossos filhos mais velhos são testemunha disso. Num diálogo com meu filho, que recentemente se tornou pai, ele me disse: "A minha revolta, a minha raiva comigo mesmo e com o mundo – que também trouxe consequências negativas – começou principalmente pelo medo! Medo de quê? Do abandono! Mas depois entendi que olhar só para o meu passado e para o meu mal não me permitia ser feliz! Agora comecei um percurso: comecei a olhar para o meu presente, para vocês, que sempre estiveram presentes e que não me seguraram com vocês, que me deixaram livre para errar, que me disseram: 'Agora é bom que você assuma suas responsabilidades'. Bem, isso me permitiu olhar para mim mesmo e pensar também num futuro! Depois, conheci aquela

que agora é a mãe do meu filho, mas eu não poderia tê-la reconhecido como um bem se não tivesse começado esse percurso”.

Como podemos preservar na nossa obra essa peculiaridade “do acompanhamento das famílias” sem querer tirar a ferida, mesmo que sangue e que doa?

Carrón. Só há uma maneira, como ouvimos: olhando (disse, antes, uma de vocês) o que resiste diante dessa situação. O que resiste diante das feridas? Cada um de nós deve olhar para o que o faz ficar de pé, o que o faz esperar quando um filho faz aquilo que você contou sobre o seu. O que resiste, o que sustenta vocês? Por quê? Porque, como disse a amiga que falou antes de você, queremos viver tudo! Mas como? Não podemos viver sem a luz desta companhia. E o que é esta companhia? Como podemos verdadeiramente ser companhia uns para os outros? Só se a nossa for uma companhia, como disse seu filho, que responde ao medo profundo que o leva a se revoltar: o medo de ser abandonado. Onde ele pode apoiar a certeza de que, aconteça o que acontecer, não será abandonado? Só se ele vir que nós, em primeiro lugar, vivemos desta experiência: não somos abandonados. Hoje falei com uma pessoa particularmente angustiada com o abandono e não pude deixar de dizer a ela o que ouvimos no Antigo Testamento: “Mesmo que seu pai ou sua mãe te abandonarem, eu, contudo, nunca te abandonarei” (cf. Is 49,15). Nós só podemos nos fazer companhia, mesmo em meio às nossas feridas, só podemos resistir diante de todos os desafios, se tivermos uma esperança baseada em algo presente, algo tão frágil como a nossa companhia, mas que é o sinal da presença d’Ele. Caso contrário, as nossas energias, mesmo que estejamos juntos, não serão suficientes para nos sustentar. Porque não é só uma questão de apoio físico, mental ou psicológico. Não, porque se trata do único apoio que realmente responde, na raiz do nosso ser, àquela necessidade última à qual só Cristo pode responder. Por isso, se a nossa companhia não nos leva até aí, não só não poderemos nos fazer uma companhia verdadeira, mas não conseguiremos fazer companhia nem aos nossos filhos. Porque está estampado no nosso rosto se temos uma resposta para o medo, para o medo de sermos abandonados.

É mortal quando os filhos alcançam essa clareza, porque é assim que nos ensinam o que precisamos ter presente! Muitas vezes respondemos aos sintomas, mas eles nos dizem qual é a origem dos sintomas! Nós víamos a revolta e todas as coisas estranhas que faziam, víamos todo o desconforto deles e todas as suas reações, nós víamos tudo isso e, muitas vezes, respondíamos só a isso. E eles, que bem nos trazem? A consciência de que por trás dos sintomas, em algum momento, a verdadeira necessidade aparece. Mas só podemos identificar a verdadeira necessidade se nos fazemos companhia nesse nível, no nível da nossa necessidade profunda. Se não respondermos a isso, nosso empenho se reduz a um ativismo, como disse a amiga de antes. E o reconhecimento que podemos obter – pelo amor de Deus, não desprezem isto – não é adequado para responder ao medo profundo do abandono que paira sobre eles! Acho que isso nos mostra o que está em jogo. Nós dizemos: “Que bem esses filhos nos trazem?”. A resposta é que eles nos levam a uma profundidade de vida, nos levam a uma verdadeira consciência de qual é o coração do drama humano, às quais, sem eles, seria difícil chegar. Muitas vezes, na verdade, não chegamos nem perto do turbilhão em que vivemos. E eles nos levam até ali e nos dizem qual é a sua verdadeira necessidade, que também é a nossa. Por isso eles são preciosos, porque nos levam a um nível de profundidade das questões humanas ao qual não chegaríamos sozinhos. Por isso, às vezes precisamos aceitar a revolta deles, as muitas coisas que não entendemos, os estados de humor, desde que tenham liberdade – que mistério! – para encarar o medo de serem abandonados, que não podiam olhar porque estavam distraídos em sua revolta, justamente por causa do bendito medo de serem abandonados. Num determinado momento, descobrimos isso! Nosso interlocutor com nossos filhos é o medo de serem abandonados, um medo que também é o nosso! É o medo do nada! O medo de que, no final de tudo, não haja nada. O niilismo é esse sermos conduzidos em direção ao nada, como diz Giussani, do qual saímos, na Criação! Do nada, algo surgiu. Esta é realmente a questão.

É por isso que, quando lemos as crônicas que enchem os jornais – e vocês veem isso muitas vezes na sua experiência –, percebemos qual é o drama, qual é a verdadeira necessidade. Além de ter uma casa, além de ter roupas, além de ter o que nós, assim como eles, precisamos, é necessário haver companheiros rumo ao destino por causa dessa necessidade última, desse medo último do nada, do medo de sermos abandonados. Então, começamos a olhar para os nossos filhos não só com comiseração, mas como aqueles que realmente nos levam de volta a esse nível da questão à qual, evidentemente – como foi dito antes – só uma Presença pode responder. Ou essa Presença nos é familiar e então podemos nos relacionar com nossos filhos e

entre nós, ou nossa companhia não será suficiente, se não carrega essa esperança também para eles.

Sommacal. Por fim, gostaria de lhe fazer uma pergunta sobre o olhar entre nós, responsáveis em diversos níveis e implicações na Associação.

Nos Diretivos, nos diversos locais de condução da nossa obra, como podemos nos acompanhar dando a nós mesmos o tempo necessário para amadurecer a consciência do passo que estamos dando, sem que o nosso julgamento, em vez de ajudar, se torne algo que esmaga o outro? Como podemos aumentar a partilha e a comunhão entre nós?

Carrón. Primeiro, concebendo a responsabilidade que têm como a coisa mais preciosa para o caminho humano de vocês, antes de ser para algum tipo de organização. Porque, como vocês estão vendo, vocês só podem guiar, ajudar ou acompanhar uma associação onde acontecem coisas como as que ouvimos hoje à noite se perceberem isso como um desafio para vocês e se tudo não se resumir a resolver os problemas de organização; só assim vocês poderão realmente ajudar. Que essa responsabilidade não seja algo que está à margem da vida, como se a vida estivesse em outro lugar. O propósito de estarem juntos é para a unidade da pessoa de vocês, de modo que quando puderem ou precisarem dizer uma palavra aos seus amigos, isso nasça desse caminho que vocês fazem juntos.

Quando peço às pessoas para se envolverem com a vida do Movimento assumindo alguma responsabilidade, tenho um certo temor. O que me dá liberdade para fazê-lo é dizer à pessoa: "Convido você a participar de uma aventura na qual tudo o que faremos será para um caminho juntos rumo ao destino". Se não fosse por isso, a participação de vocês na Associação seria como um pedágio que precisam pagar, mas o interesse da vida estaria em outro lugar. Não, o interesse, como vimos esta noite, é estar diante de todas essas questões, em primeiro lugar, para cada um de vocês, porque só assim vocês podem dar à Associação sua forma original, que se torna um modo de olhar para tudo. Portanto, não se contentando em ficar no nível superficial ou organizativo. Vocês também vão lidar com os aspectos organizativos, que são necessários, com uma profundidade desconhecida se não reduzirem tudo a coisas a fazer, isto é, se nós e vocês olharmos para o que está em jogo, como dissemos antes.

Bom caminho a todos! Obrigado por essa partilha, sempre surpreendente para mim.

Sommacal. Obrigado. Sou eu que lhe agradeço muito – acho que também em nome de todos – pelo que nos disse nesta noite, pelo olhar paterno que tem sobre nós e pelo modo como de forma contínua e profunda nos estimula a viver como homens tudo o que nos acontece. Muito obrigado mesmo Julián!

Carrón. Obrigado a vocês! Tchau.